

411



22

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO

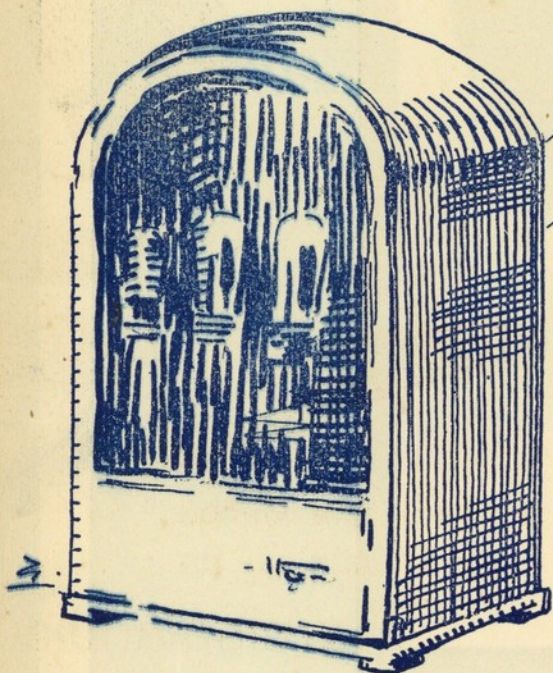
Movimento

QUINZENARIO
— CINE —
MATOGRAFICO

1\$50

O I Ç A

A VOZ DO
MUNDO



CROSLEY
RADIO

CASA FORTE

S. A. R. L.

Rua Sá da Bandeira, 281
Rua Santa Catarina, 20
Telefone, 2425 — PORTO



Quer V. Ex.ª possuir
as pestanas assim?

SIRVA-SE DO

**ONDULADOR
KURLASH**

Representante para Portugal

Academia Científica de Beleza

M.^{me} Campos, L.^{da}

Avenida da Liberdade, 35

LISBOA



Digo-vos que Bimbo
gasta as camisas da

Camisolândia

Betty Boop

movimento

quinzenário cinematográfico

número 22

24 de Maio

1 9 3 4

capa, comp. e imp. da
imp. portuguesa
rua formosa, 108
p ô r t o

propriedade de
Armando e Armando

assinaturas:
6 números — 9\$00
12 números — 18\$00
avulso — 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

êste número foi visado pela comissão de censura



os trabalhos
gráficos
executados
na

Imprensa Portuguesa
são perfeitos

composição
impressão
estereotipia
encadernação

Maureen O'Sullivan não é nossa freguesa, porque está muito longe

Casa Tinoco

26, R. Santa Catarina, 28

108, Rua Formosa, 110

PORTO

Telefone, 1466

O R S E C

de

Irmãos Oliveiras

Constructores de aparelhos para

CINEMA SONORO

RADIOEMIÇÃO

RADIORECEPÇÃO

Pôsto emissor e oficinas

R. dos Caldeireiros, 113

P O R T O

A GARANTIA DE 12 ANOS DEDICADOS PROFISSIONALMENTE À RADIOELECTRICIDADE

OS SEUS NEGÓCIOS
NÃO PROSPERAM
PORQUE LHE FALTA
A PUBLICIDADE.

MAS OIÇA:

A PUBLICIDADE MAL
ORGANIZADA SÓ
PODE PREJUDICÁ-LO.

CONSULTE-NOS.

Nós pensaremos
por si e estudare-
mos, dentro das
suas possibilidades,
o anúncio que mais
convenha ao seu
ramo de negócio.

ARMANDO & ARMANDO

Rua Elísio de Melo, 28—Sala, 4—PÔRTO



ALEGRE
CLARA
E FRESCA

COMO A
MURALINE
TINTA A ÁGUA

MÁRIO COSTA & C.^{PA}, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

Cinema Nacional

Se, ao escrever as palavras que vão ler-se, eu o fizesse levado por uma certa satisfação de amor próprio, não poderia deixar de considerar-se que isso fosse lógico, natural e perfeitamente humano.

Mas não. Pelo contrário. Escrevo êste artigo debaixo de uma profunda impressão de tristeza e desgosto.

Nada mais profundamente doloroso, para mim que vivo do meu trabalho ininterrupto e difícil, do que ver perder-se, deploravelmente, o trabalho dos outros. Nada mais triste, para mim que só pouco a pouco e arduamente consigo, às vezes, tornar as minhas esperanças numa realidade, nada mais triste para mim, dizia, do que ver perderem-se lamentavelmente as esperanças alheias. E êste é o caso presente.

Acaba de publicar-se o Relatório e Contas da Tobis Portuguesa. O exame dêste relatório vem demonstrar de um modo infelizmente insofismável que aquela Empresa se encontra numa situação financeira difficilima, a dois curtos passos de uma ruína definitiva e irreparável.

Como sempre, o tempo deu a sua lição inigualável.

Se, quer eu, quer os meus camaradas, amassemos acima de tudo a vingança, que profundo e tórvo prazer nos encheria agora!

Mas nós nem somos vingativos, nem somos vaidosos. Vezes sem conta, nas páginas desta revista, eu próprio e os meus camaradas tentamos fazer compreender aos dirigentes da Tobis Portuguesa que seguiam por um caminho errado, juncado talvez de flores, mas entalado entre precipícios profundos.

Os factos demonstram que tínhamos razão, ao contrário de todos os que ajudaram a apagar as nossas palavras com o seu côro clamoroso de louvores a uma obra, artística e comercialmente infeliz.

Lamentámo-lo profundamente. Depois de ter-se dito de «Canção de Lisboa» que pretendia fazer-se um filme comercial pena foi que, não se tendo feito *cinema*, se não tivesse feito, ao menos, aquilo que se apregoava: um bom negócio.

Ao contrário do que succede com alguns dos próprios dirigentes da Tobis, nós não somos susceptíveis de encontrar alegria na desgraça alheia. Esperamos que se não percam definitivamente as possibilidades extraordinárias de êxito

que a Tobis Portuguesa teve nas mãos e, como os meninos fazem com a fina areia do mar, os seus dirigentes deixaram fugir por entre os dedos.

Sem um interêsse público semelhante, sem emissão de acções, sem auxílio do Estado, Leitão de Barros fêz a «Severa». Sem auxílio de ninguém e lutando ainda contra a guerra deslialíssima que de todos os lados lhe teem feito, H. da Costa tem quasi concluído o «Gado Bravo».

A vitória não é, portanto, impossível, mesmo no nosso país.

Simplesmente, é necessário saber-se o que se quer.

Nós, os que, por dizermos a verdade fomos classificados de anti-patriotas, abandonamos a luta. Que aqueles que chamaram a si a glória de ter criado a Tobis e tanto defenderam o seu pobre filme (?), defendam agora a Companhia. A sua tarefa é mais difficil, mas é também mais útil e mais nobre.

Teremos o maior prazer em os ouvir. Teremos uma alegria enorme, se nos provarem que estamos em êrro. Mas é necessário antes de mais nada que nos façam esquecer o prejuízo monetário que sofreram todos aqueles que foram alegremente, optimistas e jovens, levar o seu dinheiro à Tobis Portuguesa. É preciso, antes de mais nada, que nos mostrem uma empresa a serio, capaz de produzir para lutar e capaz de lutar para vencer. Antes disso, não. E fiquem os outros com o seu optimismo, com o seu patriotismo, com a sua alegria que, neste caso se poderia muito bem chamar inconsciência.

Nós guardamos a mágoa de ter tido razão e de ver caminhar a largos passos para a ruína mais uma possibilidade de *criar-se definitivamente o cinema nacional*, como, com ridícula pompa se disse, a quando da estreia da pobre «Canção de Lisboa».

Mas antes de terminar aqui fica abertamente — como sempre, de resto — a nossa opinião de que à frente da Tobis Portuguesa julgamos não estarem ainda pessoas capazes, já não de a conduzirem ao triunfo, mas apenas de a afastarem da derrota.

E oxalá, desta vez, o tempo nos não dê razão!

Armando Vieira Pinto

Antinomia



Ail quantas vezes na vida
o coração em segrêdo
sangrando de qualquer f'rida,
nos vem à bôca,
deixando um gôsto azêdo
de charco e de lagoa
que nos magoa
a alma entorpecida!

... Pobre cabeça louca
a nossa!...

Julga a gente que remoça
e que a chaga
cicatrizava.

Mas não:
a gente indaga,
procura,
e sempre, sempre em vão...

Nada apaga
a dor que se eterniza
no nosso coração.

— Nem o Amor, nem a Ternura.

Aquele
tem um corpo esbelto e enxuto,
e um doce olhar lavado:
é loiro
como o brilho dum tezoiro
e a sua pele
como a dum fruto
sazonado...

... Mas veste-se de luto!...

Esta,
com seu corpinho de rôla,
veste-se agora de branco,
como brancos são a neve e o gêlo,
embora seja trigueira
e negro o seu cabelo.

... Mas seu olhar de criança
tão natural e tão franco,
tem uma tal maneira,
um tal poder de expressão
que confrange e que desola...



E vá lá a gente depois
depositar confiança
no nosso coração:
não passa dum embusteiro...

Qual dos dois
será, pois,
mais certo, mais verdadeiro:

— O Amor ou a Ternura?

Luis Guedes

A Assembleia Geral

dos accionistas da "Tobis Portuguesa"

Realizou-se há pouco, em segunda convocação, a assembleia geral dos accionistas da Tobis Portuguesa.

Desde o seu nascimento que temos seguido com particular interêsse a vida da Tobis Portuguesa. Seria, pois, imperdoável perder esta assembleia que supunhamos iria dar-nos um panorama claro da sua existência.

Assim, anunciada ela, em primeira convocação, comparecemos à hora marcada no cinema S. Luís.

Com estranheza, verificamos que nunca o edificio tivesse aspecto tão reservado, tumular mesmo.

As portas cuidadosamente fechadas, negavam a intenção de receber os accionistas.

Logo à chegada se era informado de que a assembleia não teria lugar, por falta de número.

Ora, parece justo perguntar. Como poderiam os corpos gerentes da Tobis saber se havia ou não número para a reunião, se quem chegava era bem de-prensa despachado por um assalariado da companhia?

Será isto correcto?

E mais. Como se compreende que seja convocada uma assembleia a-fim-de *discutir o Relatório e Contas da Administração e Parecer do Conselho Fiscal* (palavras textuais do anúncio), se tais documentos nem sequer se encontravam publicados?

Será isto legal?

Sabemos bem que, como resposta, aparecerá o ingénuo esclarecimento de que as datas exaradas nesse documento, agora publicado, são respectivamente 12-3-934, Convocação da Assembleia Geral; 20-3-934, Relatório e Contas da Administração; e 21-3-934, Parecer do Conselho Fiscal, estando marcada a reunião somente para 29-3-934.

O esclarecimento é verdadeiro! O que porém não é menos verdadeiro é que, tendo-nos informado telefonicamente junto da companhia (Norte 1:505), nos foi prestada a informação de que tais documentos não tinham sido ainda distribuídos.

E daí se pode concluir, sem ousadia, que tal estratagem serviu somente para tomar o pulso aos interessados.

É hábil, astucioso, mas velho... muito velho!

A reunião da assembleia geral foi uma notabilíssima illustração à instituição nacional do compadrio e do elogio mútuo.

Vinte pessoas, apòximadamente, no *foyer* do cinema, incluindo os corpos gerentes. Muitas cadeiras, para dar gravidade ao acto.

Aberta a sessão, o Sr. Dr. António da Fonseca declara-se incompetente e fala sòbre a sua demissão, afirmando porém que não pretende fugir a responsabilidades. Simplesmente, considera um dever sair para dar lugar a um elemento mais valioso para a companhia, mas não o pretende fazer sem expressar em público a sua gratidão pela amizade, boa vontade e solidariedade que os seus colegas sempre lhe dispensaram.

Fala ainda no interêsse geral que a Tobis despertou e na solicitude com que ela tem sido tratada pelas autoridades.

Responde-lhe agora o Sr. Dr. Miranda Monteiro, presidente da mesa, que foca os relevantes serviços do Conselho de Administração demissionário. E, insistindo no facto de que o montar uma indústria *representa um esforço enorme de interêsse e trabalho*, não hesita em considerar isso uma obra *meritória*. Refere-se depois, igualmente, às medidas de protecção adoptadas pelos poderes públicos, ao reconhecimento devido aos accionistas, que tornaram possível a constituição da companhia, e termina propondo que se exare na acta da sessão um voto de reconhecimento ao Conselho de Administração cessante.

Fala, seguidamente, o Sr. Dr. Beirão da Veiga, que declara beneficiar sòmente por extensão do voto de reconhecimento proposto, visto que pouco trabalhou. Mas acha justíssimo que seja concedido um voto de louvor individual ao Sr. Dr. Ricardo Jorge.

Usando da palavra, o Sr. Dr. António da Fonseca expressa o grande desejo de vêr as listas dos novos corpos gerentes serem aceitas por aclamação, em lugar de o serem por escrutínio secreto. Entende que isso é muito conveniente, pois representará uma prova de confiança da parte dos

accionistas. Refere-se depois à inclusão do Sr. Isidoro Hasson na lista dos membros do Conselho de Administração, na qualidade de representante da firma Klangfilm.

Intervindo, o Sr. Dr. Miranda Monteiro procede à leitura duma carta em que essa companhia pede a mudança do seu delegado junto do Conselho de Administração da Tobis Portuguesa. E, ao apreciar o facto, afirma não ser êle susceptível de discussão, visto tratar-se duma exigência contractual.

Quanto à forma de votação, não tem dúvida alguma em aceitar a sugestão apresentada, julgando interpretar os desejos dos accionistas presentes.

Por último, novamente é o Sr. Dr. António da Fonseca que propõe um voto de louvor ao presidente da assembleia, apresentando ao mesmo tempo os seus agradecimentos por aquela concordância.

São propostas várias salvas de palmas. O Sr. Dr. Campos Figueira diz umas palavras amáveis e num ambiente de cordialidade é encerrada a sessão.

~

Sobre a vida da Tobis Portuguesa teriam acaso os accionistas ficado informados?

Aliás, parece que êles pouco se preocupam com a vida da instituição que ajudam a sustentar, se atendermos à reduzida afluência que se registou.

Será com efeito, para estranhar que, num país em que o povo nem pela sua vida pública se interessa, imerso numa mórbida e inexplicável apatia, será para estranhar que um número restrito viva alheado de assuntos do seu interesse imediato?

E no entanto, como já tínhamos previsto, as coisas encaminham-se para um mau fim. As aparências brilhantes encobrem a mais ingentes misérias.

A Tobis nasceu com desmedidas ambições. Não teve o necessário período de preparação, que precede sempre os grandes empreendimentos.

Tem uma vida difícil sob o ponto de vista financeiro e económico, ao contrário do que, num trocadilho fácil, o sr. dr. António de Fonseca pretendeu fazer crer.

Não tem pessoal preparado tecnicamente, nem possibilidades de o fazer, dadas as precárias condições em que se encontra.

Refugiada atrás dum pseudo-nacionalismo, pretendeu bastar-se a si própria. Fê-lo. Produziu a « Canção de Lisboa ».

Outro caminho seguiram os ingleses. Por isso produziram « Cavalgada » e « A vida privada de Henrique VIII ».

Hoje, mesmo que ela pretendesse imitá-los, seria... tarde!

Agüente agora os temporais, sofra os tormentos dos naufragios, filhos da sua imprevidência.

Nós, que não somos accionistas, nós, que pretendemos ingressar no movimento europeu e respeitar-lhe o ritmo, não podemos olhar com simpatia um empreendimento que só nos coloca mal em face do mundo.

A Tobis não passa, hoje em dia, duma sinecura agradável para os ridículos « condottieri » do cinema nacional.

Muito embora a grande imprensa lance a sua sombra protectora sobre ela, o caminho da ruína é certo.

Agora, quando os erros tomam vulto, quando a angústia dos últimos momentos se aproxima, a Tobis reclama à sombra dum falso patriotismo a protecção do Estado.

Diz que não seria um « caso particular », pois noutros países se faz.

É verdade!

Em países onde só falta o dinheiro, mas onde há competência, onde há viabilidade de triunfo, onde qualquer apoio representa um estímulo.

Em países onde não se produzem misérias como os nossos documentários, onde não se produzem « Canções de Lisboa », onde o interesse geral é juntar valores, é conseguir vencer e não formar *capelinhas, panelinhas, conezias!*

Nesses países o dinheiro é aproveitado. Não é delapidado, não vai para o sorvedoiro.

Muito e muito mais haveria a dizer!

Por hoje, limitemo-nos a acrescentar o pezar que sentimos vendo o dócil rebanho de accionistas, que confiadamente se deixa guiar por tão *bons pastores*.

Lisboa, em 24 de Abril de 1934.

A Textília Livre

NOTA—À Tobis Portuguesa lembramos, já que para espelho toma o que se passa no estrangeiro, que em tôda a parte do mundo civilizado a Imprensa é considerada e acarinhada.

Isto sucede, não porque se tenha medo dela, mas simplesmente porque se preza quem à vida do espírito dedica o seu labor.

Em Portugal, infelizmente, está-se mal habituado!

A resistência oposta à entrada da Imprensa na assembleia geral da Tobis Portuguesa é sintoma manifesto de mentalidade africana.



20.000 anos em

Sing-Sing

Há na vida curiosas coincidências!...

Há cerca de dois anos, Spencer Tracy, adoentado e abatido pelo extenuante trabalho no estúdio, resolveu ir passar uma semana a Milwaukee, sua terra natal. Aproveitando uns escassos dias de férias, Tracy pensava entregar-se ao completo repouso que a sua saúde urgentemente requeria, no quadro saudável da cidadezinha que lhe servira de berço.

Nada mais natural e mais inofensivo...

Todavia, a mais extraordinária aventura esperava o simpático e excelente actor americano.

Pouco depois de chegar a Milwaukee, e ao atravessar uma das artérias centrais, dois homens que o vinham seguindo desde a gare, acercaram-se de súbito, agarrando-o violentamente, ao mesmo tempo que gritavam:

— «É Mac Adams! É Mac Adams!

Num momento, Spencer Tracy viu-se algemado, no meio de meia dúzia de polícias, insuficientes para o proteger da fúria da população que por diversas vezes tenta linchá-lo.

Depois duma enorme balburdia e duma noite

passada na cadeia, tudo se esclareceu. Spencer Tracy fôra vítima duma lamentável confusão em virtude de ser parecidíssimo com «gangster» Mac Adams acusado de homicídio e que escapara na véspera de ir para a cadeira eléctrica...

Ora é justamente o papel dum «gangster» condenado à morte que Spencer Tracy interpreta em «20:000 anos em Sing-Sing» um filme violento e emocionante que Michael Curtiz realizou segundo uma verdadeira história contada por Lewis E. Lawes, antigo guarda da prisão de Sing-Sing...

Não se trata, aqui, dum vulgar filme sobre as prisões americanas e cujo dramático enredo tivesse sido exclusivamente criado pela imaginação fértil dum novelista. «20:000 anos em Sing-Sing» é uma história de amor baseada em factos reais, autênticos, presenciados por Lewis E. Lawes du-

rante o seu longo convívio com os presos de Sing-Sing.

O conflito conta-se, nas suas linhas gerais, em meia dúzia de palavras:

Tom Connor (Spencer Tracy) é um "gangster" como há muitos. Esperto, duma argúcia instintiva disfarçando uma inteligência vulgar, e vaidoso, como todos, da sua fôrça e do seu atrevimento, é ainda um tipo novo, sem medo, confiante na vida e em si próprio.

Um dia é preso, eventualmente, o que não parece preocupá-lo muito, pois conta com a ajuda do seu "guarda-costas", Joe Finn (Louis Calhern), e dos seus aliados políticos que lhe prometem uma vida pouco severa enquanto estiver na prisão.

Lá dentro, porém, Connor desengana-se ao vêr-se tratado como os outros presos. Mas a sua revolta, explodindo a cada instante nos primeiros dias, dá lugar a um exemplar comportamento que, em breve, conquista a simpatia e a confiança dos guardas.

Entretanto, Joe Finn aproveita-se da situação para fazer a côrte a Fay (Betty Davis), a rapariga de Connor, prometendo-lhe libertar o amante se ela "souber ser amável..." A rapariga, confiada, aceita os galanteios. Mas um dia, durante um passeio de automóvel, quando Joe pretendia

violentá-la a rapariga descobre a cilada em que caíra e, para escapar-lhe, atira-se abaixo do carro...

O guarda da prisão, ouvindo dizer que Fay fôra gravemente ferida num desastre, oferece-se a Connor para o deixar sair, sob promessa de regressar ao cair da noite.

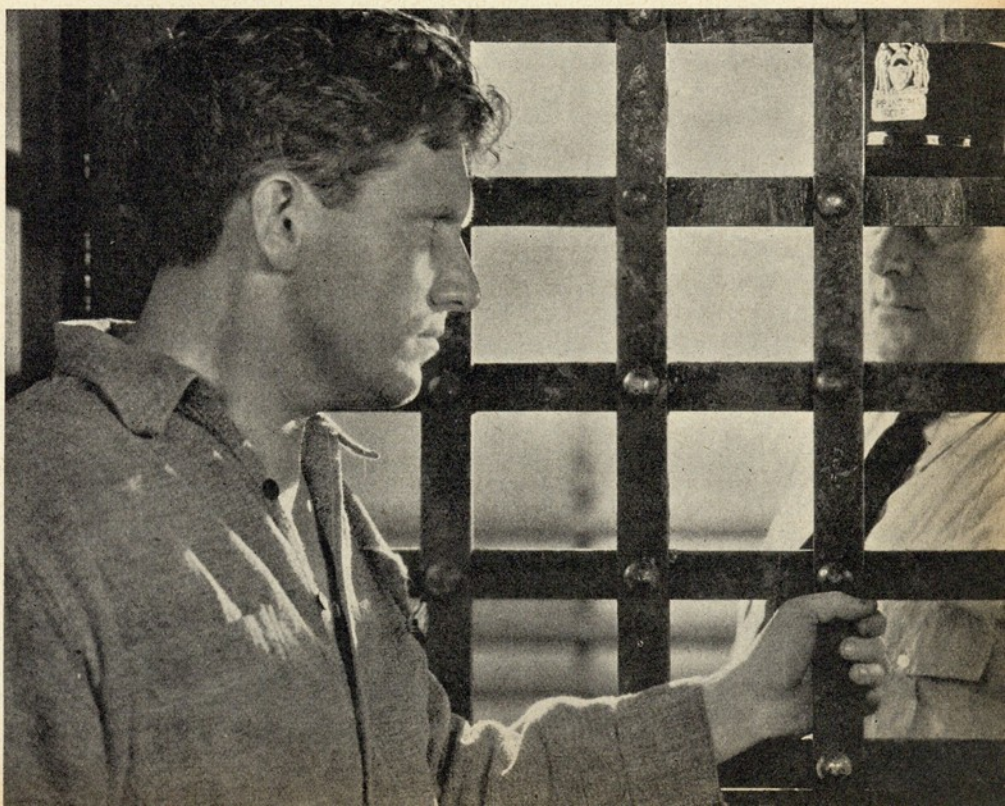
Connos agradecido, promete. Mas, ao saber as verdadeiras razões do acidente, só pensa em dar cabo de Joe. As coisas precipitam-se. Joe Finn, que vinha oferecer dinheiro à rapariga, para ela se calar, dá de cara com Connor. Trava-se uma luta medonha entre os dois, mas Joe domina. Então Fay, que assistia à luta, descarrega sôbre êle um revolver e liquida-o.

Connor foge, esperando pôr-se a salvo, mas ao saber que o guarda da prisão está em sérios riscos de perder o seu lugar por o ter deixado sair, resolve voltar e entregar-se à polícia, acusando-se de homicídio voluntário para salvar a rapariga.

Conner é condenado à cadeira eléctrica.

E agora não vos conto mais nada. Não vos quero roubar a surpresa do final dèste filme apaixonante, que nos revela, a par dum conflito sentimental, a história trágica de milhares de homens, viris, enclausurados, sem mulheres... e cujas mulheres nem sempre sabem esperar...

Spencer Tracy numa cena de «20.000 anos em Sing-Sing», apresentado em Portugal por filmes Castello Lopes, S. A.



O Relatório e Contas da "Tobis Portuguesa"

Tenho na minha frente o Relatório e Contas da Tobis Portuguesa, relativos ao ano findo. O exame destes documentos sugere-me algumas considerações que vou fazer sem preocupações de ser agradável ou desagradável a quem quer que seja.

Devo dizer, antes de mais nada, que não tenho pessoalmente qualquer má-vontade contra a Tobis. Sempre me mereceu a maior simpatia a formação dessa Empresa, que vinha realmente preencher uma lacuna (passe o lugar comum) e cujo êxito, se o tivesse tido, me encheria da mais sincera satisfação. Como português e como cinéfilo, não podem deixar de me merecer o maior interesse tôdas as tentativas para a criação do cinema nacional organizado. Se tiver por vezes de ser severo, nas minhas apreciações creiam os leitores — amigos ou inimigos da Tobis — que a única determinante das minhas palavras é o meu interesse pelo cinema e o desejo correspondente de que êle exista realmente no nosso país.

MOVIMENTO condenou várias vezes a orientação artística da Tobis que, no seu entender, lhe comprometia o êxito comercial. Fizemo-lo apenas por intuição, sem conhecermos os elementos financeiros de que a Companhia dispunha para a gestão dos seus negócios.

Agora perante o Balanço, temos na nossa frente números — números que não nos é lícito supor inexactos — pelos quais vemos confirmado tudo o que previmos com a agravante de ficarmos também a saber que além dessa má orientação que condenamos, um mau critério administrativo presidiu à organização comercial da empresa. *As sérias dificuldades que apresenta a situação financeira da Companhia*, como confessa o relatório, não são devidas principalmente ao pouco êxito, ou melhor, ao pouco resultado comercial da «Canção de Lisboa». E não são porque o exercício de 1933 apresenta, embora um tanto forçadamente, um lucro líquido de *Esc. 76.587\$07*, que, se não é grande como compensação do capital empregado, se poderia, com alguma benevolência, considerar razoável atendendo a que se tratava de uma primeira produção e de mais a mais orientada de maneira lamentável que todos nós sabemos. Êsse lucro diminuto não nos espanta nem, francamente, prevíamos que êle, pelos motivos acima expostos, fôsse maior. O que nos admira e muito é que a situação financeira da Companhia seja má por erros administrativos, como passamos a explicar, e que não se justifiquem desde que do seu Conselho de Administração faziam parte pessoas de grandes responsabilidades, um antigo ministro, membro categorizado do Tribunal de Contas, um banqueiro, um administrador de um dos primeiros jornais do país, quási todos formados em Direito e um até, salvo, erro, professor do Instituto Superior Técnico.

Posto isto, e como o espaço é pequeno e a minha análise terá necessariamente de ser extensa, entremos deliberadamente no assunto.

A fixação do capital necessário para a formação de uma Empresa não é arbitrária, determina-se pelo cálculo, o mais exacto possível, dos valores fixos que a Empresa terá de possuir para realizar a sua missão e pelo cálculo, aliás mais conigente, do capital circulante indispensável para a movimentação dos seus negócios. Quando se trata por exemplo de organizar uma Empresa destinada à exploração de um estabelecimento fabril, deve em primeiro lugar saber-se quanto custam os edifícios, maquinismos, móveis, etc., e qual a importância em dinheiro necessária para a aquisição de matérias primas e para fazer face às primeiras despesas. A soma destas duas verbas é o capital com que a Empresa se deve constituir.

Êste ponto é, evidentemente, elementar.

É claro que depois, pelo desenvolvimento dos negócios, o capital circulante pode ser insuficiente e nesse caso terá a Empresa que recorrer ao crédito, isto é, ao capital alheio, começando a comprar mercadorias a praso, a aceitar letras, etc. De aqui se conclue que a situação de uma Empresa é ótima quando o capital próprio é igual à soma dos valores fixos e circulantes, porque nesse caso não necessitará de crédito, e é ainda bom quando o capital alheio seja inferior aos valores circulantes, é duvidosa quando o primeiro é igual aos segundos e má quando os segundos sejam inferiores ao primeiro.

Exemplificando: se uma empresa tem de capital 100 contos e os seus edifícios, máquinas, etc., valem 50 e os outros 50 lhe chegam para o movimento, a sua situação é ótima; se tem de capital 100 contos e de valor fixos 50 e se os outros 50 lhe não chegaram e deve 20 ou 30, a sua situação é boa, porque aqueles 50 lhe chegam para fazer face a estes créditos; se tem de capital 100 contos e os empregou todos em valores fixos e se para movimentar os seus negócios teve de recorrer ao crédito, a sua situação é duvidosa, porque para pagar os créditos terá precisamente em contra partida todos os seus valores circulantes e qualquer depreciação nestes lhe produzirá desequilíbrio. Se tem 100 contos de capital e empregou em valores fixos 200, tendo pedido emprestados os outros 100, a sua situação é má, porque não só não terá numerário para o financiamento dos negócios, como não possuirá nenhuns valores circulantes para fazer face ao pagamento dos 100 contos que pediu emprestados e que só poderá, portanto, liquidar desfazendo-se de parte dos valores fixos, o que pela natural depreciação desses valores, lhe acarretará um prejuízo real. Em resumo, para que a situação de uma Empresa seja boa é

indispensável que o total dos valores fixos não exceda o capital próprio e será tanto melhor quando mais distantes aqueles se encontrarem d'êste.

Ora em que situação está a Tobis? Na pior das hipóteses acima indicadas: o seu capital é consideravelmente inferior ao total dos seus valores fixos. Para que o leitor possa compreender bem a posição damos em seguida uma análise do Balanço, com os elementos que a Tobis nos fornece, mas agrupados de outra maneira, isto é, com as diversas massas de valores dispostas de forma a melhor se poder compreender a sua relação. Nesta análise apenas fazemos uma modificação para maior clareza. No Balanço da Tobis figura no Passivo o capital de 2.000 contos e no Activo, sob a rubrica de Títulos Próprios em carteira, a verba de *Esc. 585.650\$00*. Como esta verba representa o montante das acções não liberadas, ou seja do capital não realizado, tirá-mo-la do Activo e pusemos no Passivo apenas o capital rializado, isto é, a diferença entre aquelas duas verbas.

ACTIVO

VALORES CIRCULANTES:

Fina. ce. ros

Caixa	9.576\$60	
Devedores	22.656\$56	
Valores em caução	50.000\$00	
		82.233\$16

Económicos

Fitas	450.000\$00	
Produções em curso	6.392\$00	
		456.392\$00

VALORES FIXOS

Aparelhagem electrica	1.263.854\$30	
Estudio	794.806\$85	
Prédios urbanos	234.198\$60	
Móveis e utensílios	12.087\$00	
Despesas de instalação	70.000\$00	
Rendas adiantadas	2.083\$30	
		2.377.030\$05
		2.915.655.21

PASSIVO

Capital a. heio

Letras a pagar	499.672\$90	
Crédores	622.506\$74	
Empréstimo hipotecário	300.000\$00	
Crédores por valores em Caução	50.090\$00	
		1.472.179\$64

SITUAÇÃO LÍQUIDA

Capital próprio

Acções subscritas e liberadas	1.424.350\$00	
Lucro líquido	29.125\$57	
		1.443.475\$57
		2.915.655\$21

Se o leitor se der ao trabalho de verificar êste Balanço e depois do que acima explicamos, nenhuma dúvida lhe restará sôbre a má situação financeira da Companhia. *O grau de vitalidade* duma Empresa determina-se pela relação entre os valores circulantes e o capital alheio, e essa vitalidade será tanto maior quanto mais os primeiros excederem o segundo e

será tanto menor quanto mais o segundo exceder os primeiros. Ora a Tobis tem de valores circulantes *538.625\$16* e deve *1.472:179\$64*. *O grau de solvabilidade* de uma Empresa é determinado pela relação entre os valores circulantes financeiros e o capital alheio. E dizemos só os valores financeiros, porque aqueles, a que chamamos económicos, não são de rialização imediata, representam um potencial de que resultarão possivelmente valores financeiros mais tarde. Ora a Tobis deve *Esc. 1.472:179\$64* e tem valores financeiros no montante de *Esc. 82.233\$16*. Ou melhor, tirando de um lado e de outro os 50 contos de valores em caução, visto que êsses dois montantes estão indissolúvelmente ligados e tirando mesmo os 300 contos do empréstimo hipotecário, por ser um crédito de natureza especial não exigível imediatamente (mas que onera a Companhia) chegamos a êste confrangedor resultado: a Tobis deve *Esc. 1.122:179\$64* (soma das rubricas de Letras a Pagar e de Crédores) e tem para lhe fazer face apenas *Esc. 32.233\$16* (sommas das rubricas de Caixa e de Devedores, admitindo que estes sejam todos solventes). E tem apenas esta exígua disponibilidade, porque o resto está empregado em valores fixos: Estudio, prédios, aparelhos, etc., valores estes que não se podem converter em dinheiro sem prejuizo incomportável. Verifica-se assim que a Tobis está numa situação desagradável. Não só não possui dinheiro para pagar o que deve, como não tem disponibilidade para a gestão dos seus negócios. De aí a sua paralização, que tem causado estranheza a muita gente mas que agora se justifica plenamente. Esta situação financeira era de prever, e é êste o ponto fundamental, desde que se constituiu a Empresa com capital insufficiente para a aquisição dos valores fixos, resultando de aí automaticamente a necessidade de recorrer ao crédito sem a contra-partida de valores circulantes que permitissem a sua liquidação. Teria o Conselho de Administração contado com o grande êxito comercial do seu primeiro filme para cobrir a diferença e tornar a sua situação desafogada? É possível e por nossa parte deveras lamentamos que tal não tenha acontecido. Mas o comércio não é um jôgo nem é de recomendar que se procurem obter por meio de um jôgo os elementos necessários para reembolsar o capital alheio. E por outro lado, também não nos parece lícito — dentro das normas comerciais bem entendido — converter em valores fixos o capital próprio e a maior parte do alheio, e contar, para o pagamento d'êste, com avolumar os valores circulantes por meio dos lucros futuros. Acharíamos natural se do Conselho de Administração fizessem parte os nossos simpáticos camaradas de *Imagem*, que são optimistas, como é sabido. Mas as pessoas que dirigiam a Tobis — pela responsabilidade dos seus nomes tinham obrigação de tratar destes assuntos com a necessária prudência.

Do activo figuram *Fitas* com o valor de *450.000\$00*. Quero dizer, o lucro do exercício tal como apparece foi obtido por se ter attribuido à «Canção de Lisboa» aquele valor, em 31 de Dezembro de 1933 alegando-se que de então para cá já rendeu *160.000\$00*. Sôbre êste ponto falaremos para o ano, se lá chegarmos todos, pois que só então se verá, pelos resultados se êste cálculo foi realmente conforme nos parece, também demasiado optimista

“EU SOU A SUSANA,,

*um grande
filme Fox*

Está em exibição no São João Cine o último filme de Lillian Harvey, produção de Lasky para a Fox, “Eu sou a Susana”.

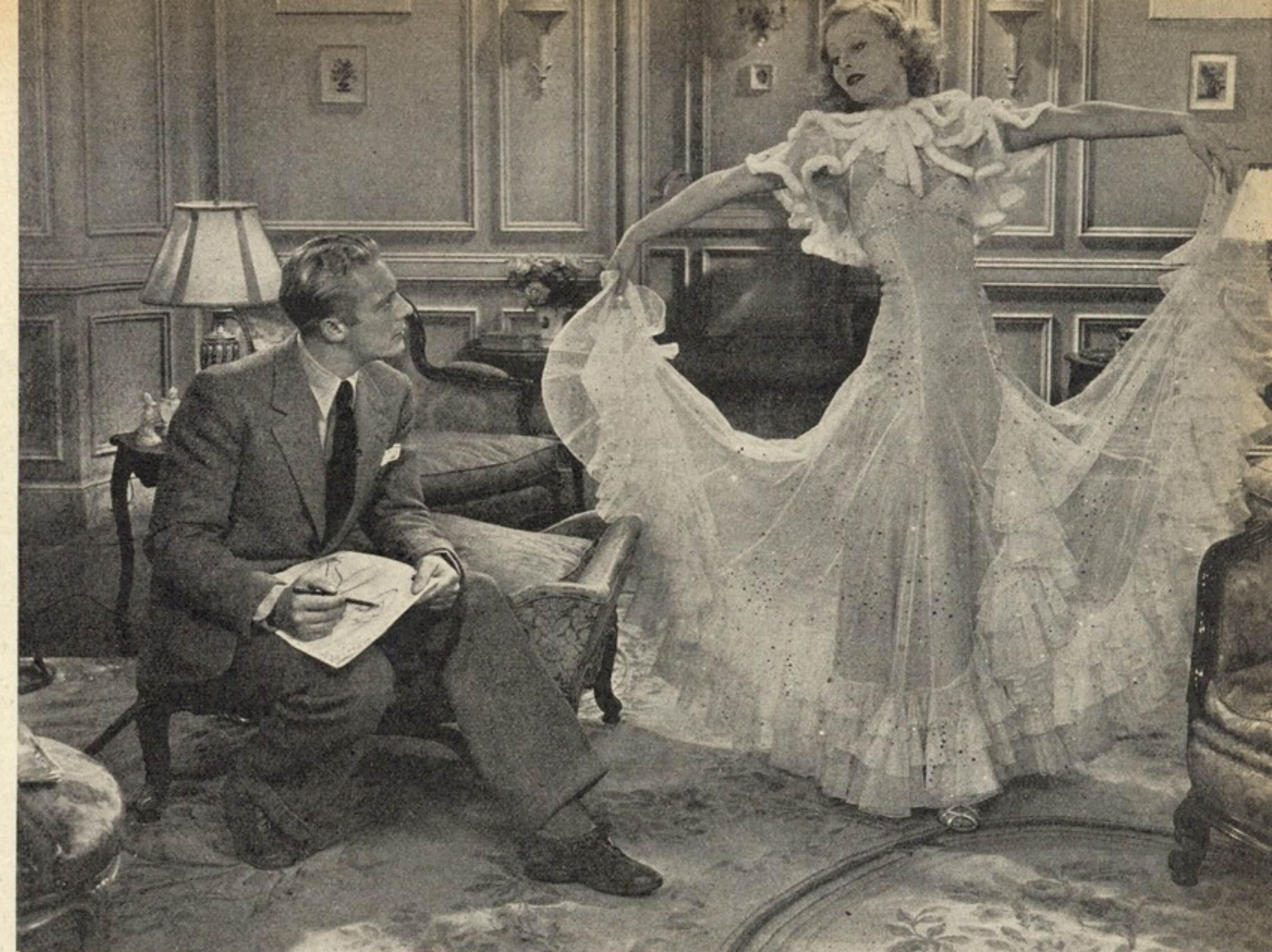
Se a crítica estrangeira se não tivesse manifestado com tam unânimes elogios sôbre êste filme, o facto apenas de no seu “cast” se encontrar a deliciosa Lillian bastaria para lhe dar algum valor.

Mas não é êste o caso presente. “Eu sou a Susana” é considerado pela crítica como sendo, não só o melhor filme americano da Lillian Harvey, mas como sendo até o seu melhor filme em absoluto.

De resto, um filme da deliciosa actrizinha é sempre um acontecimento. A sua vivacidade, a sua graça natural, o indefinível encanto que existe em tôdas as suas palavras e em todos os seus gestos criaram-lhe a admiração amiga de todo o mundo.



Várias fotografias de «Eu sou a Susana», o grande filme da Fox que a Companhia Cinematográfica de Portugal distribue.



Lillian Harvey é o tipo perfeito da mulher-criança, caprichosa e fútil, infantil e senhora da sua vontade, agora travessa, logo terna, depois esufiante de alegria natural, mas sempre feminina e jovem, sempre encantadora.

Esperamos a “Eu sou a Susana” o grande sucesso que merece. É necessário que se não repita o desagradável facto de um filme que merece o aplauso do público e os louvores da crítica receber apenas, incompreensivelmente a indiferença de um e a imbecil incompreensão da outra.

O que sucedeu há semanas com o filme “Ladrão de Alcova” é uma vergonha!

Fita sem pretensões lhe chamou um crítico desta cidade esquecendo a verdade primaria de que, para fazer crítica é necessário, antes de mais nada, ser inteligente e possuir um pouco de sensibilidade artística.

“Ladrão de Alcova” era, muito simplesmente um filme perfeito no sentido mais puro e belo do adjectivo. Desde a “história” cheia de humor, desde os personagens, cheios de verdade, desde o mais pequenino detalhe até, por exemplo, à estupendíssima adaptação musical, ora sublinhando a acção, ora interpretando-a, ora sendo, mesmo, o seu fundo psicológico, tudo neste filme era equilibrado, completo, necessário e imprescindível.

Meus caros amigos leitores do MOVIMENTO: é preciso que vocês nos ajudem. “Eu sou a Susana” é um grande filme. Ide vê-lo! Ensinai a êsses senhores críticos dos diários — que podiam ter arranjado outro modo de vida, valha a verdade — ensinai-lhes vós o que são filmes bons e o que são filmes maus.

E, pela vossa rica saúde tirai da cabeça dos gerentes dos nossos cinemas a ideia infelizmente verdadeira até à data, de que só ganham dinheiro com “coisas” no género do “King-Kong”.

Ou então, se só podeis gostar do que é mau, deixai de ser cinéfilos. Passai a ir ao teatro, e... gostareis de tudo.

Armando Vieira Pinto

50 escudos de prémio

A afluência de concorrentes ao nosso Concurso aumentando dia a dia, demonstra-nos o interêsse que os nossos leitores dispensaram à nossa ideia. Desta vez, ainda os concorrentes femininos levaram a palma aos masculinos. A não ser... a não ser que se trate de algum disfarce, o que, de resto, nos não interessa.



Meus queridos amigos:

As minhas palavras vão desagradar-vos com certeza.

E daí talvez não. Vocês são suficientemente espertos para não deixarem de compreender que a culpa de tudo isto é unicamente vossa, e suficientemente sinceros para não deixarem de concordar com a minha sinceridade.

Quando, há tempos, vocês publicaram um artigo achando parvo que se gostasse do Henry Garat eu não pude deixar de sentir-me um bocadinho magoada com a vossa opinião, porque... eu não desgostava dele. Depois com o passar do tempo, fui pensando no caso com mais calma. E acabei por achar que vocês, afinal, tinham muita razão no que diziam e eu é que estava fora do bom caminho.

Ficou portanto assente no meu espírito que «era parvo gostar do Henry Garat». Mas evidentemente, ficou também assente que isso não era porque sim, mas tinha uma lógica e plausível razão de ser.

Como se compreende então que vocês agora venham pedir um ensaio sobre o Raúl Roulien? Que tem êle de superior ao Henry Garat? Qual dos seus filmes é melhor que o «Caminho do Paraíso» ou o «Congresso que Dança».

Vocês bem sabem que o pobre Raúl Roulien não vale mais que o Henry Garat. Vocês bem sabem que não deviam tê-lo escolhido para o vosso concurso! E sabem ainda — se chamarem ao que vou dizer *preversidade feminina*, deixá-lo! — e sabem ainda que a vossa escolha representa, não pode haver dúvidas, uma feia transigência da vossa parte para com o mau gosto de tantos cinéfilos, êsses cinéfilos e cinéfilas contra os quais tantas vezes vocês nesta revista se teem insurgido com tanta, tanta razão!

Ah! meus caros! Que bichos interesseiros são os homens!

Mariana



Janet Gaynor forma, com Lillian Harvey e Kate de Nagy uma trindade perfeita. Tôdas possuem um encanto baseado nas mesmas qualidades e tôdas apesar-disso, são profundamente diferentes umas das outras.

Confesso, embora esta confissão me faça perder os 50 escudos do prêmio: de tôdas três, para mim, a menos curiosa é a Janet e a mais adorável a Kate de Nagy. Lillian Harvey fica no meio, e fica muito bem porque, se quisermos caminhar de um extremo para o outro teremos de seguir: Janet—Lillian—Kate, ou Kate—Lillian—Janet.

E eu vos digo porquê. Janet é a criança doce, resignada e humilde. A alegria, nela, é uma exceção suave. A exaltação não cabe no seu feitio. Sua graça é feita do seu íntimo encanto: ternura, simplicidade, carinho. É a criança que se faz mulher sem sobressaltos, sem apetites nem dores, seguindo um caminho que o destino traçou, com lágrimas talvez, mas sem caprichos nem gritos. Seus olhos devem ser doces como a água parada dos lagos azuis. E o seu amor deve ser um amor sem «frisson», melancólico ou doce, um destes amores que não fatigam mas também não exaltam.

Lillian é alegria impetuosa de viver, a altivez infantil da sua graça, da sua beleza, do seu corpo lesto e do seu sangue moço. É a mulher que tem muito de boneca e muito de pássaro, para quem um capricho contrariado é um desgosto irremediável, a mulher que ora afaga ora arranha, mas deve fazer tudo por impulsos, por súbitos desejos, vontades sem tom nem som, como costuma dizer-se.

Kate é a mulher que é também criança, também caprichosa, também cheia de mimó e graça, mas que já sabe amar e já sabe sofrer.

Da criança que Janet é e continuará a ser até que seus cabelos louros embranqueçam, passando pela criança que Lillian é e será até que venha a primeira ruga, chegamos à criança que é a Kate: criança precoce, sentindo a vida, embora olhando-a com irreverência, e compreendendo que nem tudo são rosas...

Aqui está, meus amigos. Para vos falar de uma, falei-vos de três mulheres. Tende paciência. Um filósofo meu amigo tem o hábito de dizer que a palavra «mulher» só não é perigosa no plural. Ora eu tenho uma grande consideração pelo tal filósofo e um vivo espírito de conservação. Portanto...

Juvenal



No nosso próximo número, com a escolha dos dois melhores ensaios sobre Gustavo Froelich e a Brigitte Helm fecharmos este concurso. Mas não se assustem. Abriremos outro no número 25 da nossa revista, isto é: no primeiro número do segundo ano da sua publicação.

Os prêmios não serão menos valiosos nem o concurso menos interessante.



Warner Baxter que vamos ver no filme da Fox «Alegria de Viver» ao lado da Janet Gaynorzinha. Vocês lembram-se bem do Warner Baxter!?

“Vou contigo à Estratosfera”

A Companhia Cinematográfica de Portugal, ao escolher «Vou contigo à estratosfera» escolheu um filme cheio de vivacidade, alegria, boa disposição e graça. Além disso um filme cheio de imaginação.

Ajuízem pelo enredo: Um inventor—meio caminho andado para a loucura!—consegue terminar com êxito os seus estudos para a invenção de um foguete maravilhoso, capaz de revolucionar todos os meios de transporte actuais.

Sucede porém que o que lhe sobra em talento e espírito inventivo lhe falta em dinheiro.

Isto de ter talento e não ter dinheiro, como vocês devem saber por experiência própria é regra geral. Sucede porém que o nosso herói possui um financeiro, avarento, é claro. E sucede ainda que, após uma experiência, em que o foguete se recusa terminantemente a cumprir os seus deveres e não sobe, o financeiro resolve também não cumprir os seus, e corta o crédito ao infeliz inventor.

Surge porém a velha e conhecidíssima astúcia feminina. O inventor tem uma noiva. A noiva, por sua vez, resolve, muito senhora do seu papel, ter uma ideia. E que ideia, Meu Deus!

Resolve convencer o financeiro de que o noivo está para casar com a filha dum riquíssimo americano chamado Schwab—está-se mesmo a ver que o nome é americano!—e desata muito séria a escrever-lhe cartas em inglês. O avarento cai. E surge depois os sarilhos do estilo.

Na interpretação temos nomes conhecidos. O inventor é Hermann Thimig. A noiva é Magda Schneider. O financeiro, Szöke Szakall, com quem vocês se riram já a bandeiras despregadas em «Não quero saber quem és» por exemplo.

“Pimenta e mais Pimenta”

Os já célebres Flag (Vitór MicLaglen) e Quirt (Edmund Lowe) são os dois principais personagens masculinos deste filme que vamos ver brevemente.

Ao passar para o *écran* mais uma aventura dos dois inseparáveis, a Fox resolveu, porém aumentar as atrações. E foi buscar Lupe Velez!...

Ó meninos! O tempo está, hoje de assar. Mas se vocês vissem as fotografias que nós temos aqui de Lupe Velez em «Pimenta e mais pimenta» e soubessem que podiam encontrá-la caminhando horas seguidas debaixo deste sol inconveniente que hoje está, tenho a certeza que vocês derretiam pelo caminho, mas não deixavam de ir.

Bom. Não falemos em coisas tristes!

No filme entra, ainda, o impagável El Brendel. E vocês estão mesmo a ver: uma aventura de Quirt e Flag, com a graça do El Brendel, o «sex-appeal» — muito pouco expressivas são estas duas palavras no caso presente! — o «sex-appeal» da Lupe Velez...

E não vos digo mais nada!

“A Alegria de Viver,,

«A Alegria de Viver» é um filme Fox com Warner Baxter e a Janet Gaynor. Isto devia chegar como apresentação.

A Janet já vocês conhecem de sobra. Quem se não lembra de a ter visto nesse filme simplesmente delicioso que foi «O Papá das pernas altas» ou em tantos outros?

O Warner Baxter é... o Warner Baxter. E nós proibimos terminantemente, com a superioridade que nos dá o facto de vos dizermos sempre a verdade, tóda a verdade e só a verdade, que vocês não saibam que estupendíssimo actor é o Warner Baxter.

Vocês não se lembram de «Rua 42»? Pois está claro que lembram.

Mas agora trata-se de «A Alegria de Viver». Um filme de que vocês vão gostar imenso. O próprio nome o define. Um filme leve, espiritual, semelhante à travessura azougada e infantil da Janet, semelhante à compostura calma do Warner Baxter.

E eu podia dizer-vos muitas coisas ainda sobre o filme. Mas tende paciência.

Está muito calor!

O tigre Satânico

Foram precisos seis meses de duro trabalho para fazer esta película, cuja acção se desenrola inteiramente entre as feras das perigosas florestas asiáticas.

Lupe Velez, a engraçada mexicana que veremos no filme «Pimenta e mais pimenta» e é, como se vê... Silêncio na forma!

Satisfazendo o gosto dum público sempre ávido de espectáculos impressionantes e inéditos, a Fox-Filme enviou uma trupe de artistas e de técnicos experimentados e corajosos, percorrer a Índia, o Sião, a Indo-China e a Malásia, para aí filmar, nos lugares mais reconditos e ainda inexplorados.

Durante longos meses a expedição, acarretando pesado material de filmagem e de tomada de sons, viveu horas de emocionante aventura ante dificuldades sem conta e perigos tão grandes como fáceis de imaginar. Da caravana, que foi dirigida por Clyde E. Elliot, faziam parte algumas centenas de indígenas, muitos dos quais vieram a participar no filme, quer como simples figurantes, quer desempenhando pequenos papéis.

A-pesar-das precauções tomadas a filmagem fêz-se sempre sob a constante ameaça dos ataques das feras. E não foram poucos os incidentes ocorridos...

O operador — que muitas vezes trabalhou fechado numa verdadeira jaula — viu-se em duas ocasiões na iminência de servir de jantar a um enormíssimo tigre que não era nada para graças e cujo apetite metia respeito... E Jack Dunn, o técnico que dirigia as tomadas do som, foi atacado por uma pantera e esteve em sérios riscos de não voltar à América...

Ao fim de 185 dias, Clyde E. Elliot e a sua gente embarcavam para Hollywood, trazendo consigo o mais curioso e mais completo documentário cinematográfico que até hoje se fêz sobre a fauna asiática e diante do qual o espectador menos impressionável não poderá ficar indiferente.



Crítica de Filmes

Rua 42 — Uma obra cinematográfica, uma vez saída das mãos do seu autor, segue a sua carreira sem defeza e sem proteção. Cada distribuidor, em cada país, julga-se no direito de a modificar a seu bel-prazer, suprimindo episódios, cortando determinadas cenas, alterando-a, enfim, como lhe der na «real gana». Imaginem que um livreiro, ao pôr à venda um novo livro, se permitia arrancar-lhe as páginas que suposse pouco susceptíveis de interessar ao público e digam-me o escândalo que isso não provocaria... No mundo comercial do cinema, o desrespeito pela integridade das obras alheias é caso de todos os dias. Que importa que um filme perca a unidade de ritmo, que certas passagens fiquem confusas ou sem justificação? Um filme, afinal de contas, não passa duma mercadoria como outra qualquer e o que interessa é colocá-la e fazer render... E como o realizador não está presente para defender o seu trabalho, um senhor qualquer arma-se em «super-visor comercial» e *retoca* a montagem do filme como muito bem lhe parece...

Ora é tempo de denunciar estes casos (aliás já não é esta a primeira vez que o faço), infelizmente demasiado freqüentes, *E Rua 42*, vem justamente a propósito.

Lloyd Bacon fez um filme muito interessante, um filme que é como que um documentário da vida «interior» do teatro, girando à volta da montagem duma grande revista que o extraordinário esforço e saber dum encenador ergue pouco a pouco entre mil dificuldades de toda a espécie. Ao que parece o filme era demasiado longo, demasiado insistente para que tivesse verdadeiro valor comercial... Problema facilimo de resolver. Quatro tesouradas, meia dúzia de cenas excluídas e pronto. E o espectador com «olhos de ver», mas desprevenido, acusaria apenas o realizador dos saltos que o filme apresenta e procuraria inutilmente a explicação de certos incidentes, por não saber que a fita fôra encurtada por «necessidades de exploração...»

Quando estas «liberdades» são tomadas para com filmes como *Rua 42* tem o nome de abusos. Porque *Rua 42* não é um filme qualquer. Já pelo argumento, devêras curioso, mostrando o «outro lado» do teatro, em que cada episódio anedótico serve apenas para marcar bem o justo ambiente, em que cada personagem representa um *tipo*, já pela realização excepcionalmente excelente, o filme de Lloyd Bacon toma lugar entre as raras obras de verdadeiro valor apresentadas este ano.

Há ainda a notar as possibilidades da técnica cinematográfica (da montagem sobretudo), dando às cenas de revista uma grandeza, um desenvolvimento e um efeito impossíveis de atingir no teatro.

Aos méritos já anotados é justo adicionar a beleza da fotografia e a magnífica interpretação da Warner Baxter cujo

nome, também por necessidades comerciais, foi posto, nos anúncios, em lugar secundário...

Espões — A história é velhíssima, sem interesse e desenvolvida aos arrancos em consequência duma realização inferior.

Há só um comentário que este filme merece: é muito mau, muito mau, muito mau.

O Vagabundo — Aqui está um filme que veio trazer ao espectáculo cinematográfico qualquer coisa de novo. Todavia, o cinema, que tanto precisa de remodelação e que tam pequeno uso faz das suas extraordinárias possibilidades, não ficou enormemente enriquecido com as tentativas de inovação de Lewis Milestone em *O Vagabundo*. Mas a forma original como está tratada parte deste filme, já é alguma coisa...

O Vagabundo pode dividir-se em duas partes perfeitamente diversas, mesmo em estilo e em ritmo. Uma, a primeira metade, vivendo exclusivamente das situações e da técnica; outra, vivendo totalmente do conflito sentimental.

É curioso notar que o estilo da primeira parte do filme assemelha-se bastante à maneira europeia (e sobretudo à maneira de René Clair, pela sua subtil ironia, na cena da cerimónia do lançamento da primeira pedra, que é um prodígio de montagem), oferecendo um especial interesse, quer pela novidade dos «diálogos rítmicos», quer pelo habilidoso emprego da técnica cinematográfica. O maior valor do filme reside mesmo na montagem, verdadeiramente magistral, de sons e imagens em perfeito contraponto e que representa uma lição que devia servir de incitamento para que outros realizadores tentassem ir mais longe ainda.

Na segunda parte o ritmo é muitíssimo mais lento, desenvolvendo-se então a história — um caso sem grandes complicações mas fora dos moldes habituais — em puro estilo americano servido por uma técnica quasi sempre vulgar.

No conjunto, a-pesar-de alguns pontos fracos, *O Vagabundo* é um filme bastante curioso que não deve passar indiferentemente à atenção daqueles que se interessam a valer por todas as manifestações da arte cinematográfica.

O Meu Fraco — Se me permitem a maneira de dizer, eu acho que os homens de Hollywood pegaram na Lilian Harvey com uma enorme falta de tacto, «lavaram-na a seco» e «passaram-na a ferro», o que quere dizer: «traduziram-na» para americano. Resultado: tiraram-lhe o que tinha de melhor, o que tinha de deliciosamente imaterial e estragaram tudo.

Claro que Lilian Harvey, aclimatando-se facilmente ao gosto americano, não perdeu ainda o seu encanto e a sua graça tam pessoais. Mas parece-me outra, esta Lilian Harvey de «O Meu Fraco»...

«O Meu Fraco» é uma dessas sensaborias (como já o era o «Sonho Côm de Rosa» dos mesmos autores) que entretêm sem nos interessarem. A gente vê, sorri, gosta das canções (que na verdade são bonitas), acha graça a meia dúzia de «gags» bem achados, deixa-se levar pela superficialidade e leveza daquilo tudo e na semana seguinte já não se lembra do filme.

À parte duas ou três coisas interessantes (o cupido apresentando os personagens, os bonecos cantando o «Be Careful» e a cena no jardim com o homem das cenouras) tôda a fita é uma banalidade, com a agravante de ser demasiado longa.

Lilian Harvey é ainda a salvação. Sem ela, o que não seria o filme!

Alves Costa

Reizinho — A propósito dêste filme, dizia num dos últimos números a excelente revista belga

Documents 34:

«Robert Lynen était émouvant dans *Poil de Carotte*. Alors, vite on a voulu le consacrer vedette, exploiter ce genre, faire la série». Deve na verdade ter acontecido isto. Robert Lynen, a criança prodigiosa que interpretou *Poil de Carotte* fez sucesso, e tratou-se imediatamente de o apresentar em outro filme, aproveitar o entusiasmo do público, *faire la série*.

Reizinho, cuja primeira metade me agradou sobremaneira pelo estilo admirável de Duvivier, pela atmosfera, pelo que contém de crítica social e de humano, torna-se medíocre em virtude da última metade, em que as intenções do autor perdem todo o vigor que a princípio nos prometia e em que a própria técnica é sensivelmente inferior.

Foi pena, tanto mais que se sente que Duvivier foi obrigado a fazer aquilo.

Embora a minha admiração por Julien Duvivier não tenha baixado, por estar certo de que êle é capaz de fazer em cinema coisas admiráveis, lamento sinceramente que tenha realizado o *Reizinho*, filme muito inferior a qualquer dos seus anteriores trabalhos.

A vida é o dia de hoje — Howard Hawks, que é hoje indubitavelmente um dos melhores realizadores *yauques*, cuja obra é caracterizada por uma decidida predileção por assuntos fortes e humanos que êle costuma tratar objectivamente e com técnica segura, desiludiu-me com êste filme.

A vida é o dia de hoje é um filme medíocre, com algumas passagens tecnicamente notáveis mas tratando um assunto falso, sem humanidade, sem interesse e sem intenções — embora o título pareça querer provar o contrário.

Uma visão errada da guerra, alguns combates aéreos

absolutamente inverosímeis, personagens literários e um culto incrível por incríveis heróis.

Joan Crawford e Gary Cooper, dois artistas dos melhores, agradaram-me bastante pelas suas interpretações justíssimas e pela emoção e humanidade que procuraram imprimir aos dois personagens que encarnaram.

É realmente lamentável quo os americanos empreguem a sua técnica perfeita, a sua completíssima aparelhagem e a qualidade superior dos seus intérpretes em assuntos tão frágeis e insípidos.

S. O. S. Iceberg — Vi êste filme com grande prazer.

É sem dúvida um dos mais belos e honestos documentários que o cinema nos tem dado nestes últimos tempos.

A história de um explorador que se perdeu nos gelos longínquos do norte, «do ponto mais alto do mundo» serve de ligação entre os quadros, é o pretexto para que vejamos uma série preciosa de imagens belíssimas, que aliam à sua peregrina beleza uma muito louvável intenção cultural.

Não houve a preocupação duma técnica ousada nem de ângulos esquisitos; a própria anedota, que embora não seja inédita tem alguns momentos bastante emotivos, passa para segundo lugar, desaparece, para ficar apenas a beleza clara e por vezes trágica dos gelos, das avalanches, dos *ice-bergs* que o desgêlo arrasta para o mar juntamente com algumas vidas — tudo isto valorizado por uma incomparável fotografia e por uma montagem certa e inteligente.

Permito-me salientar as cenas das pesquisas em avião, que pela fotografia e acertada escolha de planos conseguem o prodígio de ser, talvez, mais belas que as restantes.

Resumindo, *S. O. S. Iceberg* é um bom filme, um excelente documentário que se vê sem um momento de fastio.

Os Galhofeiros — Lisboa só agora viu êste filme dos Marx que já foi exibido no

Pôrto há bastante tempo, e verdade seja que não perdeu com isso grande coisa.

Os galhofeiros, servido por uma técnica antiquada e má, apenas consegue fazer-nos rir uma meia dúzia de vezes, devido quási que exclusivamente à presença diabólica de Harpo Marx, o mais sinceramente doido dos irmãos.

Logo a princípio é monótono, com muita cantoria e com umas legendas horríveis, só quando aparece Harpo, olímpico e convencido, de cartola e quási nú debaixo duma capa de cerimónia, com a sua incrível cabeleira, o seu ar desvaído, é que o filme principia a ter interesse.

E depois, é ainda êle que valoriza tôda a película, com as suas perseguições infatigáveis a tôdas as mulheres que vê, com a sua mania de apoiar a perna na mão da pessoa que está ao lado, com as suas soluções inesperadas (como na impagável cena do bridge em que êle rasga naturalmente as cartas que não lhe convém) com a sua luta tremenda com a dona da casa, com todas as atitudes, enfim, ditadas por uma loucura espontânea e permanente.

Fernando Barros

Prêmios! Prêmios!

O nossa "Número de Verão"

Tem recebido a melhor aceitação da parte do público a nossa iniciativa da publicação de um grande número extraordinário chamado NÚMERO DE VERÃO.

Dia a dia os nossos correspondentes da província, cheios de entusiasmo e boa vontade, nos vão dando parte do andamento das inscrições na sua zona de agência. E essas notícias satisfazem-nos em absoluto porque nos demonstram claramente o sucesso que vai ter a nossa iniciativa.

Inúmeros jornais da província se tem colocado à nossa disposição, prestando-nos o seu apoio valioso e demonstrando aos seus leitores

o que será o nosso NÚMERO DE VERÃO. Aqui lhes deixamos, sinceramente, o nosso agradecimento, agradecimento este que temos de tornar extensivo a alguns postos rádio-emissores de Lisboa e Pôrto que, para o mesmo fim se puseam incondicionalmente à nossa disposição.

O número de prêmios que distribuiremos pelos compradores desse grande número especial da nossa revista está completo. Nestas páginas se publicam fotografias do 2.º, 3.º e 4.º. Os restantes serão publicados no próximo número.

O NÚMERO DE VERÃO será publicado a 15 de Setembro, fechando impreterivelmente a inscrição para êle, a 31 de Julho futuro.

O sorteio será feito pela Lotaria de Santa Casa da Misericórdia, extracção de 29 de Setembro. No número seguinte, publicado a 5 de Outubro, serão indicados quais os números premiados. E os felizes poderão imediatamente receber os prêmios a que tenham direito.

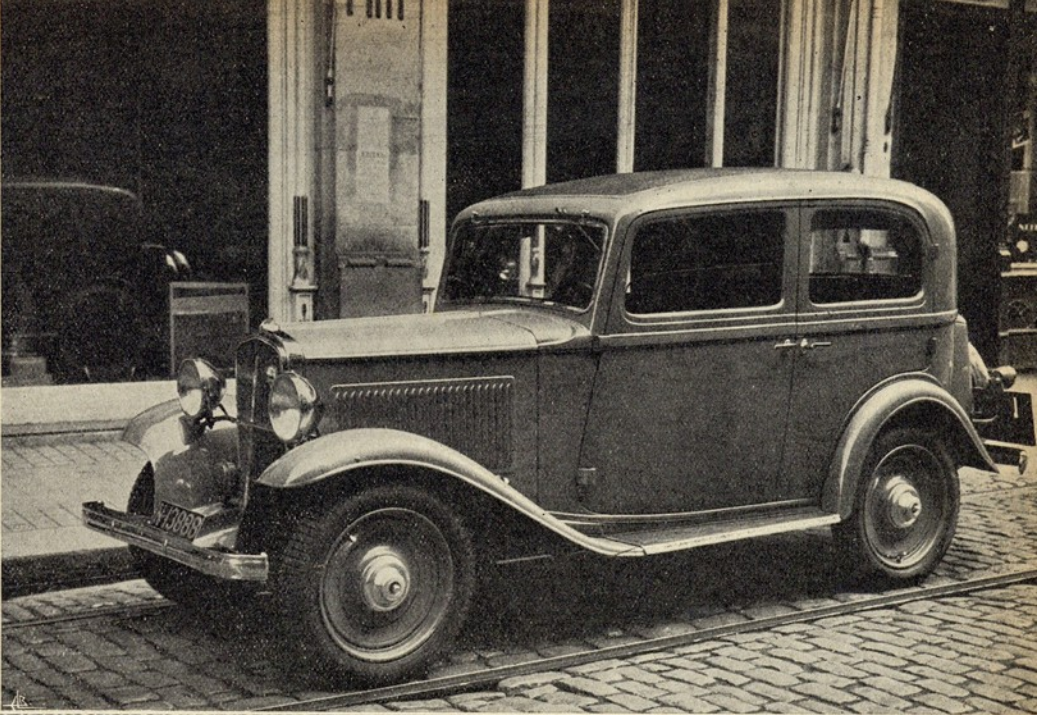
É conveniente não esquecer que:

O NÚMERO DE VERÃO SÓ SERÁ ENTREGUE ÀS PESSOAS QUE PARA ÊLE SE TENHAM PRÉVIAMENTE INSCRITO, E QUE A INSCRIÇÃO FECHARÁ, IRREVOGAVELMENTE A 31 DE JULHO PRÓXIMO.

O terceiro prémio do nosso sorteio: Um piano de concerto GUSTAV LUTZ, de que é agente o nosso amigo Daniel Ruvina. Gustav Lutz é hoje o gerente da produção da fábrica Bechstein, o que prova de modo insofismável a necessária alta qualidade do seu próprio fabrico.



O segundo prêmio que sortaremos entre os compradores do **NÚMERO DE VERÃO**: um automóvel FIAT, modelo «Babilá» de luxo. A marca é garantia da sua posse, no mais alto grau, das três qualidades essenciais ao carro moderno: **CONFORTO, ELEGANCIA e ECONOMIA.**



O quarto prêmio do nosso **NÚMERO DE VERÃO**: uma luxuosíssima mobília em contraplacagem, executada nas oficinas dos Grandes Armazens Nascimento, a maior organização da sua especialidade, na península.

O SORTEIO

As bases do sorteio foram por nós proposadamente estudadas com a maior simplicidade. Como se sabe, a Lotaria da Santa Casa da Misericórdia, comporta séries de bilhetes com 4 cores: *Vermelho, Azul, Verde e Amarelo.*

Todos os exemplares do nosso **NÚMERO DE VERÃO** terão **UM NÚMERO e UMA CÔR.**

Supunhamos agora que o primeiro prêmio de Lotaria saiu ao n.º 3408, côr Verde, e o segundo ao n.º 2301, côr Verde.

Os prêmios do **MOVIMENTO** pertencerão aos seguintes números:

- 1.º—UMA CASA, N.º 3408, côr Verde.
- 2.º—UM AUTOMÓVEL, N.º 3408, côr Amarela.
- 3.º—UM PIANO, N.º 3408, côr Vermelha.
- 4.º—UMA MOBÍLIA, N.º 3408, côr Azul.
- 5.º—UM FOGÃO COM TREM DE COSINHA
N.º 2301, côr Verde.
- 6.º—UM APARELHO DE RÁDIO
N.º 2301, côr Amarelo.
- 7.º—UM APARELHO DE FILMAR
N.º 2301, côr Vermelha.
- 8.º—UM CRÉDITO DE 2.500\$00 (na casa de modas Albano Ramos Pais & Filho)
N.º 2301, côr Azul.

Como vêem, é simples. Mas nós explicamos mais vezes.

Página de

Elucidação Cinematográfica

Nevoeiro artificial

Os técnicos dos estúdios Columbia, de Hollywood, viram-se há tempos diante dum problema difícil de resolver: Era preciso produzir cem milhões de metros cúbicos de nevoeiro artificial para o filme intitulado justamente «Fog» (Nevoeiro), cuja acção se desenrola num transatlântico que a bruma encobre constantemente durante a sua travessia de Nova-York a Londres.

Era indispensável conseguir nevoeiro suficiente para encher todos os «décors» representando o transatlântico (cujo conjunto ocupava um quadrilátero de 33 metros por 60 de largo e uma altura de 12 metros) e isto durante um longo período de horas.

A idea de empregar o vapor de água foi logo posta de parte. A atmosfera saturar-se-ia rapidamente de humidade, nesta série de «décors» fechados pelos corredores insonoros do estúdio e o calor das lâmpadas de iluminação tornar-se-ia insuportável. Por outro lado, a humidade estragaria imediatamente as roupas dos actores e o vapor, condensando-se sobre as objectivas das «câmeras», tornaria impossível a filmagem.

O emprêgo do fumo tornava-se igualmente impossível por análogas razões.

Finalmente encontrou-se a solução, empregando o óleo mineral.

Colocaram-se diversos galões de óleo mineral num reservatório, ao fundo do qual se ligou um tubo atravessado num dos extremos por duas dezenas de furos muito finos. Por esse tubo era enviado ar comprimido que se escapava violentamente pelos pequenos buracos do tubo. O ar subia à superfície do óleo e formava uma infinidade de bolhas microscópicas.

Quando essas bolhinhas rebentavam, produzia-se uma bruma tam fina que era impossível descobrir as suas diferentes particulas.

Um poderoso compressor, análogo aos que são usados nos instrumentos pneumáticos, foi utilizado para fornecer o ar comprimido. Esta compressão gerava calor bastante para que o ar fôsse aquecido à saída e portanto mais leve que o ar existente.

Desta forma o ar carregado de óleo elevava-se lentamente sobre o reservatório em forma de nevoeiro. Esta coluna de nevoeiro artificial era dirigida para todos os cantos dos «décors» por ventiladores electricos. As particulas de óleo eram tam finas que ficavam em suspensão no ar.

Durante muitos dias os «plateaux» ficaram cobertos de nevoeiro, não tendo sido precisos mais do que 18 quilos de óleo mineral. E os actores puderam representar durante três semanas no meio desta bruma sem que os seu fatos ficassem maculados pela mais pequena nódoa de óleo.

Este nevoeiro artificial não produz nenhum efeito sobre o organismo. Não tem côr, nem cheiro, nem gosto. O seu único inconveniente — e mesmo esse sem grande importância — é aumentar a temperatura ambiente em virtude do ligeiro aumento do estado hidrogénico do ar.

O «re-take»

Os senhores sabem a que é que os americanos chamam «re-take?»

O «re-take» é uma operação utilizada diariamente nos estúdios de Hollywood e que consiste em substituir comple-

tamente certas cenas duma fita já concluída, em virtude de se reconhecer que resultaram más ou insuficientes.

Quando um filme está terminado é de uso freqüente o produtor, os dirigentes do estúdio e o realizador irem projectá-lo de improviso no cinema de qualquer terreola para observarem assim, directa e cuidadosamente, as reacções do público e, em face delas, alterar o filme tanto quanto fôr necessario e da maneira mais conveniente e acertada.

Em resultado dessas «pre-views» ou estreias de experiência, acontece às vezes ser preciso substituir um actor por outro e, portanto, manivelar de novo tôdas as cenas em que êle entrava. Acontece, também, que, por vezes, um filme destinado a uma categoria média se revela inesperadamente bom. Decide-se, nesse caso, elevá-lo a superior categoria filmando-se para isso novas cenas e procedendo-se a uma completa remodelação, desde o argumento até aos «décors»

A estas operações chama-se um «re-take».

O que os produtores americanos pretendem atingir, antes de tudo, é a perfeição, calculando — e muito bem — que mais vale manivelar novamente as cenas pouco felizes dum filme já concluído do que lançar uma fita mediocre que seria um inevitável fracasso e não colheria suficientes lucros.

O «re-take» é também usado na U. R. S. S. onde é freqüente os realizadores da União levarem os seus filmes de propaganda a exhibir em terras pequenas a fim de poderem verificar se o público os compreende. Conforme os resultados colhidos procede-se às necessárias alterações aclarando-se as seqüências que então se reconheceu serem confusas. E assim, o filme será posto a circular em todo o território soviético na certeza de exercer o efeito desejado.

Cinema de amadores

Os realizadores amadores devem estar contentes. Anuncia-se que será brevemente posta à venda uma câmara 175 para filmagem e tomada de som. Esta pequena maravilha mecânica, que figurava na última exposição de fotografia de Paris, é duma tal simplicidade técnica que o seu manejo é tam fácil como o duma simples máquina fotográfica.

É de esperar que esta inovação venha a dar um novo impulso à cinematografia de amadores, que no estrangeiro tem já muitos adeptos.

2.000 imagens por segundo

Westen-Electric acaba de fabricar uma nova camera, que não pesando mais de 15 quilos e utilizando o filme de formato reduzido de 16 mm, capaz de filmar 2.000 imagens por segundo — seja sete milhões e dusetas mil imagens por hora — e registar o tempo simultaneamente.

Experiências feitas com estes aparelhos, nos laboratórios Bell & Howell, mostraram, por exemplo, que os bocados duma ampola electrica que se quebra, se assemelham a flocos de neve voteggiando.

Esta câmara permitiu revelar, numa manufactura, os defeitos do maquinismo duma série de motores. Graças a este aparelho, esse defeito que fôra procurado sem resultado durante longas semanas e que se não podia ver a olho nú, foi descoberto instantaneamente durante a projecção do filme que mostrava o funcionamento desses motores.



“ESQUIMÓ”

NO DIA 8 NO
TRINDADE

A luta com uma baleia
e um elefante marinho!
O exército das rênas!
Uma nova moral!

UM FILME

METRO-GOLDWIN-MAYER

A crescente impaciência com que as «hostes» cinéfilas estão esperando a apresentação do filme português «Gado Bravo» já não tem razão de existir a não ser como consequência da curiosidade e do interesse despertados pela primeira produção do Bloco H. da Costa.

Somos informados de que será por todo o mês de Junho que «Gado Bravo» fará, finalmente, a sua estreia em Portugal, simultaneamente em Lisboa e no Porto.

Aqui está o que consideramos uma boa notícia. A foto que publicamos mandou-a H. da Costa numa carta particular para o nosso director e nela vemos, num intervalo da montagem, Artur Duarte, Max Nosseck, Lopes Ribeiro e H. da Costa.



Vala Comum

Manuel de Oliveira tem andado atarefadíssimo com os últimos retoques na montagem do seu filme.

E tem motivos para isso...

O seu primoroso documentário «Douro, Faina Fluvial» vai ser cuidadosamente sonorizado, iniciando brevemente a sua carreira ao lado de «Gado Bravo». Luís de Freitas Branco foi encarregado de escrever o comentário musical.

Quando o «Douro, Faina Fluvial» estiver em exibição, aconselhamos os autores dos insípidos «cem metros da lei» a ir ver esse filme e a abrir bem os olhos. E não se esqueçam que todo êle foi filmado com um simples quinamo e a extraordinária pericia de António Mendes...

Um projecto para proteger e encorajar a indústria cinematográfica espanhola foi há pouco apresentado ao Governo. O senador Ricardo Samper, ministro da Indústria e do Comércio submeteu também à apreciação do Governo um decreto regulamentando a apresentação dos filmes estrangeiros falados em espanhol e protegendo a produção nacional.

Os cinemas espanhóis seriam obrigados a projectar em cada uma das suas sessões uma metragem de filme espanhol equivalente a cinco por cento da metragem total do programa.

Por outro lado, seis meses depois da promulgação deste decreto, todos os filmes falantes estrangeiros, com legendas em espanhol, seriam proibidos. Somente os filmes estrangeiros, em «dubbing» em espanhol, seriam autorizados a passar com a condição de o «doublage» ser feito em Espanha.

Os filmes de actualidades, os filmes mudos e os filmes simplesmente sonoros seriam excluídos deste decreto. Mas uma taxa especial incidiria sobre todos os filmes estrangeiros, taxa que variaria segundo a categoria do cinema onde esses filmes passassem.

Não sabemos que decisão tomará o governo espanhol. Esperamos todavia que não aprobe tão estúpidos projectos, para bem dos cinéfilos espanhóis e para bem do cinema...

Primeiras produções alemãs da «BAVARIA» a apresentar em Portugal pela U. C. I.

Titulos provisórios

O homem sem nome versão sonora do primeiro filme mudo de Harry Liedtke interpretada por Willy Forst.

O fugitivo de Chicago com Gustavo Froelich, Luísa Ulrich e Lil Dagover.

A favorita do Marechal com Ivan Petrovitch, Elga Brinck e Betty Bird.

Quem conhece esta mulher? para apresentação em Portugal da actriz alemã Hild: Von Stolz.

A falsa noiva última produção de Carl Lamac para Any Ondra.

Apresentamos às Ex.^{mas} Empresas dos Teatro Circo de Vila Real e Cine Teatro de Vizeu os nossos agradecimentos pelo desconto concedido aos leitores de MOVIMENTO.

Consta-nos que está para breve a inauguração do cinema sonoro no «Teatro Afonso Sanches» de Vila do Conde, para o que a nova Empresa não se tem poupado a trabalhos. Felicitamos os cinéfilos de Vila do Conde.

No desejo de conseguir para as nossas iniciativas as maiores possibilidades de êxito, acaba de ser nomeado Chefe do Contencioso da nossa revista o Ex.^{mo} Sr. José de Oliveira Freitas, profissional distintíssimo, com escritório na Rua Dr. Sousa Viterbo, 8-2.º.

Por lapso, no nosso artigo «A Assembleia Geral dos Accionistas da Tobis Portuguesa» fazem-se referências ao filme «Cavalgada», quando era nosso desejo fazer essas mesmas referências ao filme «Catarina da Rússia».

Aqui ficam estas palavras de rectificação, com vista às almas caridosas.

Tribunal dos pequenos delitos

O entêrra do sr. Camilo de Vasconcelos

O sr. Camilo de Vasconcelos lembrou-se há tempos de escrever com ar altivo um magote de asneiras dedicadas ao nosso camarada Fernando Barros.

E nós lembramo-nos de liquidar o sr. Camilo de Vasconcelos, publicando alguns fragmentos do seu saboroso livrinho «Hollywood Foco Mundial do Cinema...»

Julgávamos que o sr. Camilo de Vasconcelos tivesse vergonha e a lição lhe aproveitasse.

Enganamo-nos.

Amachucado, sucumbido e triste, o sr. Camilo de Vasconcelos resistiu e ainda vive. Agarrou-se a Plínio, encheu duas páginas de explicações pormenorizadas e de tolices sortidas e, numa declaração muito a sério, deu o triste pio, pretendendo convencer os que o leem (?) de que nós alteramos cavilosamente o sentido de muitos dos períodos que transcrevemos da sua obra...

Ficamos um bocado atrapalhados com a acusação, mas bem depressa voltou a tranquilidade à nossa alma em sobressaltos. Lá está, por exemplo, a página 7 do tal livrito, esta linda frase: «*Há, porém, quem diga que tal descoberta já não foi de então, mas sim de há muito mais anteriormente*» (sic). Lá está, a página 19 «*Assim, êle (Charlot) pode ser considerado actor cómico quando o vemos em cenas que provocam evidentemente, a hilariedade. Em compensação, êle é um formidável actor trágico nas cenas excessivamente dramáticas*» (sic). Lá está, ainda, a página 29 «*Outro grande actor dos Artistas Associados: Douglas Fairbanks. O seu melhor filme é «O Sinal do Zorro» e foi casado (sic) com Mary Pickford.* A página 33 confunde filme virgem e filme impressionado com filme negativo e filme positivo: «*Um filme pode ser positivo ou negativo consoante já tiver, ou não, sido exposto*» (sic). E lá diz, a página 34, que é por causa da realização que «*uma película resulta falha de visãoção (sic) ou vitalidade (sic) etc.*»

Mas o sr. Camilo de Vasconcelos além de muita coragem e muito pouca vergonha tem grandes arremetidas. E vai daí diz que encarregou um advogado de defender a sua causa!

Parece que o homem nos quer processar!... Ora vejam lá que trabalhos!

Mas enquanto o advogado não chega, continuemos com as transcriçõeszinhas do livro «Hollywood Foco Mundial de Cinema»:

Falando de Claca Bow

«A azougada vedete tem—dos muitos importantes filmes que possui—alguns que se sa-

lientam pela sua boa actuação interpretativa, filmica e cénica» (sic).

Falando de M. G. M.

«Logo a seguir à Paramount, a segunda maior (sic) firma da actualidade é a Metro-Goldwyn-Mayer».

Falando de Lon Chaney

«Lon Chaney — o quarto maior (sic) artista da tela...»

«Há pessoas que não simpatizam com êste verdadeiro actor-trágico, pelo facto de êle não acabar as suas obras com o *estafado* «happy-end...» «...a morte para o herói da fita quer se apunhale, quer seja assassinado, requerê muito mais talento do que um prolongado beijo a sublinhar todo o enredo».

Falando dos realizadores portugueses

«Alguns destes à altura do importante cargo que desempenham num país em que tam reduzida é a sua classe; outros necessitados de aprendizagem de certos princípios de física» (sic).

Falando da técnica

«O retardador é um dispositivo que permite obter um maior número de imagens por segundo, o que provoca, ao projectar-se o filme, uma razoável cadência de cena» (sic).

«Os *desenhos animados* são filmes muito trabalhosos na sua confecção, pois que resultam de uma seqüência de imagens aproximadas (sic), que nos dão, na sua projecção, aqueles tregeitos (sic) e movimentos deveras curiosos».

Da prefácio

«...Êste livro tem por fim dar, a muita gente, uma pequena noção da maravilha que encerra a Arte Hollywoodense!» (sic).

E por hoje chega.

Mas se fôr preciso recorreremos ainda aos actuais escritos do sr. Camilo de Vasconcelos ou ainda ao seu falecido folheto «A Manivela», que também tem muito que se lhe diga...

E talvez não. A piedade apoderar-se-á dos nossos corações generosos, porque o sr. Camilo de Vasconcelos, apesar-de tudo, é boa pessoa. O que não se lembrou foi dos telhados de vidro, ao atirar pedras a um vizinho que não costuma usar meias medidas. .

Estação de serviço

Sala de Espera

O prémio de cinquenta escudos que MOVIMENTO oferece aos autores das melhores crónicas apresentadas ao concurso de colaboração, está seduzindo os nossos leitores.

A tentação quebrou — e ainda bem — a barreira de medo que a princípio os susteve. E quebrou por completo. As crónicas, apresentadas aos últimos concursos, excederam em número e em qualidade tudo quanto esperavamos. E a coragem dos autores de algumas dessas crónicas mostra-nos bem até que ponto são desejados os nossos agradáveis prémios...

O chamado sexo-forte, tam ufano da sua superioridade, é que está fazendo fraca figura. As raparigas batem-no em toda a linha, ali, nos seus bigodes...

Há dias perguntamos a uma das concorrentes premiadas, uma rapariga do tamanho da ratinha Minnie, se tinha ficado contente e que emprêgo daria aos cinquenta escudos que acabava de ganhar. Fêz uns olhos muito grandes e respondeu muito séria:

«— Se fiquei contente!... Fazem-me tanto geito estes cinquenta escudos!... São para a ajuda do meu enxoval. Caso-me em Julho».

Ficamos com remorsos...

Expediente

O PRÍNCIPE NEGRO — O Director mostrou-me a sua carta e pede-me que lhe agradeça. Você está enganado. Eu não sou o Armando Vieira Pinto.

M. VIOLETA — As suas crónicas ficaram iliminadas. Estavam fraquinhas e traziam muitos erros de ortografia. Mas não desanime.

MÁ-SERALHAP — Por um triz que ganhava o concurso. Não fique triste. Para outra vez será. Uma das suas crónicas não estava nada mal... mas apareceram outras melhores...

ALBERTO CRUZ — Você também ficou iliminado. Cinquenta escudos fazem muito geito mas é preciso saber ganhá-los... Tenha paciência.

THEMISTOCLES — A sua crónica não tinha interêsse e pecava sobretudo pelo propósito infeliz de ter piada. Bastava ter falado nas cuecas para ser excluído... É verdade: O juri que classifica as crónicas a premiar não admite empenhos.

G. SALVATORI — A sua crónica não estava má de todo. Mas, além doutros defeitos, era muito pequena. Tente outra vez.

ALI Á PRETA — Dos irmãos Marx só se exibiram dois filmes em Portugal. «Os Galhofeiros» e «Agulha em Palheiro». Sim senhor, são quatro artistas cómicos de valor e Você fêz muito mal em não ter ido ver aquelas duas fitas.

A direcção de Joan Crawford é a seguinte: Metro-Goldwyn-Mayer, Culer City-U. S. A. Mas olhe que é mais prático comprar um dos postais ROSS com o retrato dessa artista...

GAZÓMETRO — Afinal a nossa colaboradora é «Luz Branca». Se você soubesse! A rapariga ficou tão zangada por ter saído o pseudónimo errado que até chorou... É esteve vai não vai para nos cortar às costas quando esteve aqui, na redacção, dias depois da publicação da sua carta. O que valeu foi ela ser pequenina e nós sermos muitos e muito grandes...

MAGALI — Magali?... «Le ciel est là-haut plein d'étoiles, — Le vent est tombé... — Mais les étoiles pâliront — En te voyant...» Se eu tivesse pensado em oferecer um prémio ao melhor pseudónimo, era o seu o que seria escolhido. Você é Frédéric Mistral? — Tive muito gosto em receber a sua carta e espero que continue escrevendo. Vê como faz mal em

não assinar MOVIMENTO? Podia ter recebido os números 16-17 pelo preço habitual. E vá pensando no nosso espampante número de verão. Vai ser formidável!... Não se enganou pensando que o mais velho dos colaboradores de MOVIMENTO ainda está longe da carreira dos quarenta. Mesmo o Vasco Rodrigues, com o seu ar austero e o seu gosto pela culinária... — Peter Lorre só nos apareceu em dois filmes: «Matou!» e «Estupefacientes». Gostava mais de Clara Bow nos velhos tempos do cinema calado. Fêz furor nessa época, lembra-se? Era a rapariga do «it» e todos as meninas cinéfilas a imitavam. Já lá vão seis anos!...

MOVIMENTOFILO — Sim senhor, houve um filme mudo intitulado «Nos Confins do Mundo». Era uma produção alemã, realizada por Karl Grüne e desempenhada por Brigitte Helm e Wilhelm Dieterle. Não tem nada que ver com o filme, do mesmo título, há pouco exibido no Rivoli.

CINÉFILO MASCARADO — Suponho que «Gado Bravo» será finalmente estreado em meados de Maio. O que será o filme, não sei, nem quero fazer juízos antecipados. Parece que a Tobis enrouqueceu depois da «Canção de Lisboa». Suponho que voltará em breve a retomar a actividade. É uma questão de gemadas. Sôbre o club não há nada por enquanto. Agora só pensamos no número de verão que é uma coisa «quinquenal», como diriam os camaradas da União Soviética.

CINÉFILA LISBOETA — A sua carta é uma grande trapalhada... mas a boa intenção está acima de tudo. Não vale a pena repisar a discussão sôbre cinema nacional. Está enganadíssima a respeito da minha identidade. Há muitas pessoas que dariam a vida pelo primeiro número do MOVIMENTO... Você podia mandar-me êsses exemplares que tem a mais.

LEITOR AMIGO — Não se pode dizer que vocês tenham uma grande imaginação para inventar pseudónimos... Sôbre o Número de Verão o meu amigo não deve hesitar. Vá lendo a lista dos prémios. Pode inscrever-se imediatamente em qualquer quiosque, livraria ou estabelecimento que tenha os nossos cartazes de publicidade em exposição. Certamente, os assinantes recebem o «Número de Verão» por um preço inferior e isso é de toda a justiça. Pode escrever quando quiser. Obrigada pelos abraços.

STAN — Já deve ter visto, nos números anteriores, quais foram os obras e os artistas premiados pela Academia Americana. «Adeus às armas» ficou em segundo lugar. «Cavalgada» ganhou o prémio destinado à melhor fita do ano cinematográfico 1932-33.

X. — Eu calculo, meu amigo, eu calculo como é o público da sua terra!... Conheço bem essa cidade e conheço a qualidade dos seus beateiros conterraneos. Uma vez disseram-me que, às estreias, a maior parte dos espectadores era constituída por cautelosos papás que iam certificar-se se a fita podia ser vista pelos olhos puros das meninas ou se não feriria os conceitos morais das mães e outras falanges da família. É verdade?

Não me fale no «Milagre de Lourdes». Mil vezes antes a «Canção de Lisboa!...» Pode escrever-me mais vezes, terei muito gosto em ler as suas cartas. Devia dar-me a sua direcção para o pôr em contacto com a pessoa que deseje vender-lhe os números de MOVIMENTO que lhe faltam.

JOÃO GOMES — Suponho que Kate de Nagy ainda mora em Winklerstrasse, 1, Berlin — Grünewald, Alemanha. Escreva-lhe em alemão ou em francês. O número 1 está esgotado.

Apertado n.º 13

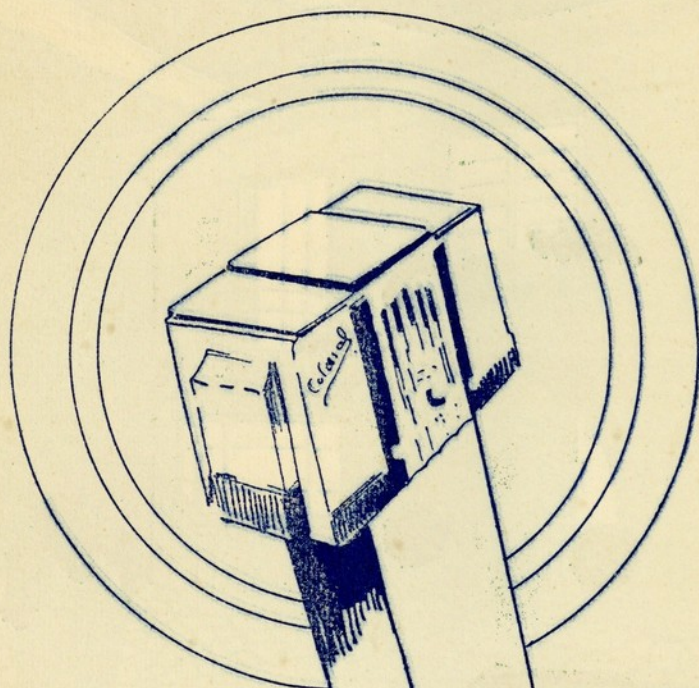
CINÉFILA LISBOETA (Lisboa)... deseja trocar correspondência com «O Rei da Cinelândia» e «The King of the Cine».

X. (Braga)... deseja adquirir os cinco primeiros números de MOVIMENTO.

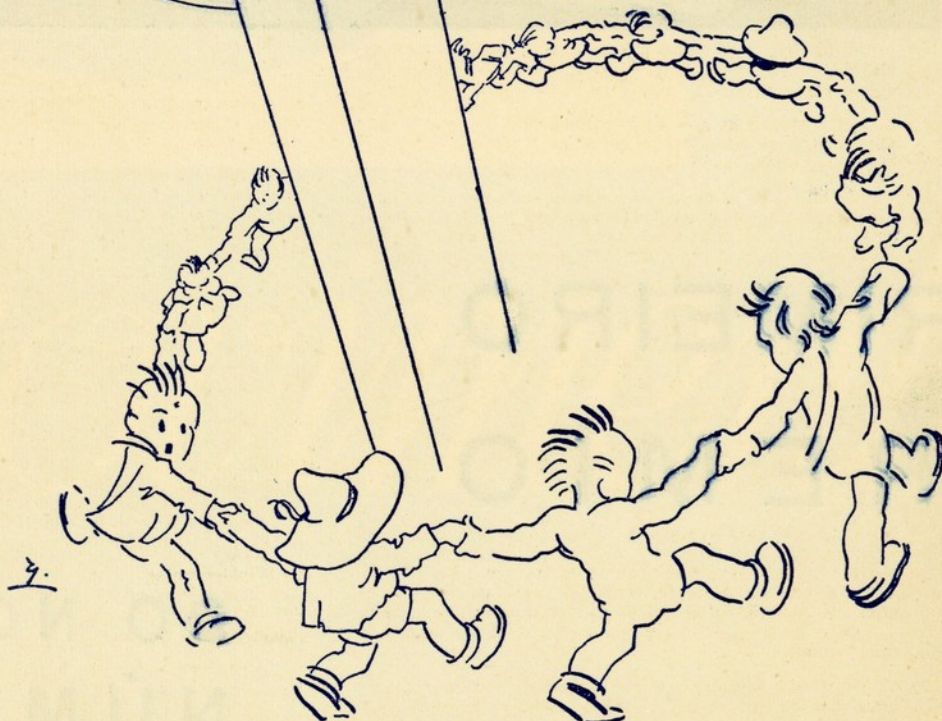
Amok



COLOSSAL RADIO



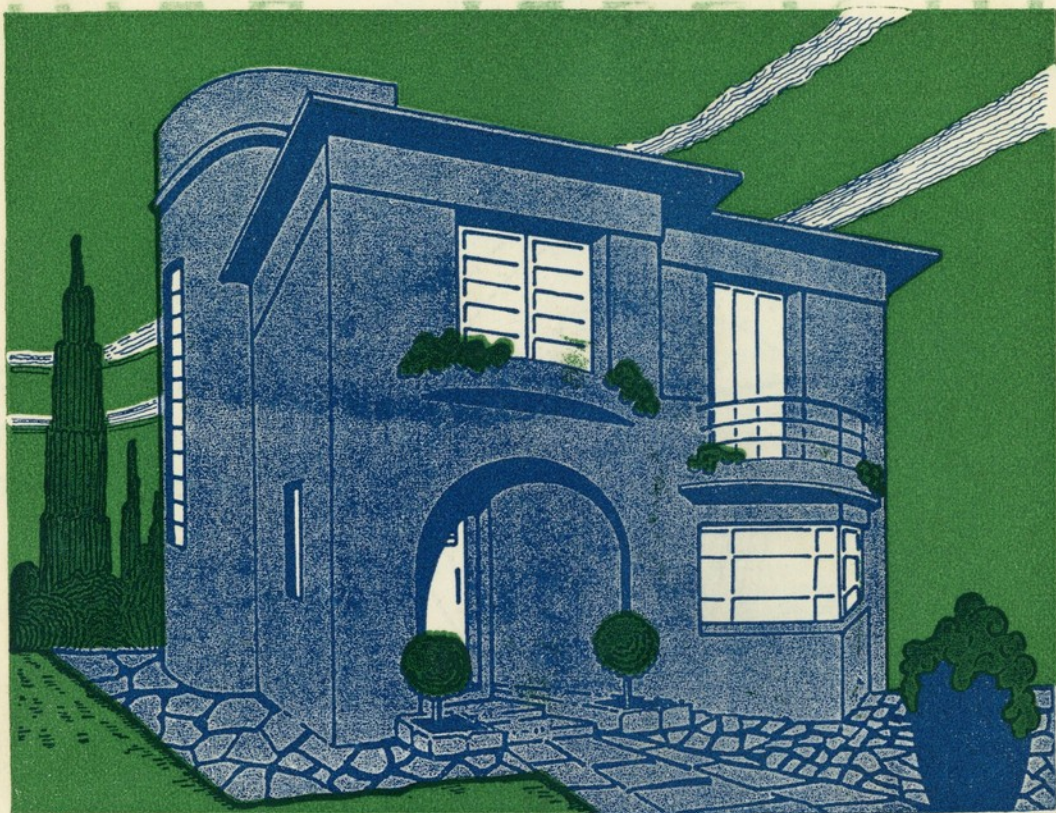
Um aparelho
pequeno que
é um grande
aparelho.



Sociedade Comercial Luzo Americana, L.^{da}

LISBOA--Rua da Prata, 145

PORTO--R. Sá da Bandeira, 339



Projecto do architecto
JOÃO QUEIRÓS

○
PRIMEIRO
PRÉMIO

DO NOSSO
NÚMERO
DE VERÃO